

Atos

Diante de Controvérsias, Não Entre em Pânico (15:1–18)

Não gosto de controvérsia. Não gosto de discussões calorosas e vozes alteradas. Não agüento ver uma pessoa infeliz com outra. Deprecio a deformação e a mesquinharia que a controvérsia provoca em algumas almas. Apesar disso, ela é um fato da vida — mesmo entre o povo de Deus (Mateus 10:34–36; Lucas 12:51–53; 1 Coríntios 11:18, 19). Em Atos 15 temos dois exemplos clássicos de controvérsia na igreja: do versículo 1 ao 35, vemos uma discórdia doutrinária; nos versículos 36 a 41, vemos uma diferença de opinião. A primeira controvérsia envolveu uma congregação¹; a segunda, envolveu dois cristãos. A questão não é “se haverá controvérsias na igreja”, mas “como lidaremos com a controvérsia, quando ela acontecer”.

Na lição passada, examinamos a questão abrasadora de Atos 15:1–31. Nesta e na próxima lição, retomaremos o mesmo texto bíblico para aprender como Paulo e os demais lidaram com uma controvérsia de dimensões congregacionais². Mais tarde, examinaremos os últimos versículos do capítulo 15, a fim de estudar discórdias pessoais entre cristãos.

SERÁ QUE ELA SE DISSOLVERÁ? (15:1, 2)

A maneira como alguns “resolvem” um

conflito é ignorando-o, talvez até negando que exista qualquer conflito. Os conselheiros chamam isso de “abordagem de afastamento” e dizem que a pessoa que utiliza essa estratégia tem pouco ou nenhum respeito por si mesma ou por quem está envolvido no conflito. Tal abordagem raramente, senão nunca, resolve uma questão. Quando os falsos mestres vieram de Jerusalém (v. 1), Paulo e Barnabé não ignoraram simplesmente o problema, esperando que ele se dissolvesse. Em vez disso, cuidaram dele (v. 2). As controvérsias numa congregação precisam ser tratadas mais cedo ou mais tarde — e é muito mais fácil mais cedo do que mais tarde³.

Alguns preferem uma abordagem “de afastamento” extremo diante de um conflito, afastando-se permanentemente de congregações em que haja problemas. Conheço vários membros que pararam de freqüentar os cultos de adoração anos atrás “porque havia problemas na igreja”. Não encontramos indícios de que alguém da congregação de Antioquia tenha dito: “Se aquelas pessoas da igreja brigarem e discutirem, vou embora!” Antes de ajudarmos a resolver uma controvérsia numa congregação, alguns de nós precisamos primeiro lidar com nossas próprias atitudes em relação à controvérsia. Nenhum de nós gosta de problema⁴, mas quando ele aparece

¹Se essa controvérsia não tivesse sido resolvida corretamente, ela teria se espalhado por muitas congregações.
²Novamente, acrescentarei alguns detalhes de Gálatas 2, presumindo que o mesmo (ou um semelhante) incidente está incluso na passagem.
³Veja os comentários na lição “Quando Alguns Peixes Escapam da Rede”, sobre como os apóstolos resolveram a controvérsia que se levantou a igreja em Jerusalém.
⁴Uma ou duas exceções podem ocorrer (alguns parecem se sair bem na controvérsia), mas geralmente esta é uma afirmação verdadeira.

em nossa congregação, precisamos ajudar a resolvê-lo, e não correr dele.

VALE A PENA BRIGAR POR ELA? (15:2)

Ao lidar com controvérsias na igreja, é preciso primeiro determinar a natureza da discórdia. Trata-se de uma contenda doutrinária (como no caso de Atos 15), ou de sentimentos de alguém que se sente ofendido (como no caso de Atos 6)? Minha experiência é que as contendas genuinamente doutrinárias são raras e distantes uma da outra, mas elas acontecem ocasionalmente. Quando esse é o caso, a admoestação de Judas é apropriada: "...exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Judas 3). Por essa razão, houve da parte de "Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão" com os falsos mestres (Atos 15:2).

Entretanto, a maioria das controvérsias congregacionais que já vi envolviam personalidades mais do que princípios. Às vezes havia uma diferença de opinião sobre como algo deveria ser feito. Às vezes, alguém sentia (correta ou incorretamente) que fora maltratado. Na maioria dos casos, se a questão era resolvida biblicamente⁵, somente um punhado de gente se envolvia; mas os oponentes manipulavam as pessoas para os seus lados, resultando em discussões de dimensão congregacional. Os que se envolvem em manobras congregacionais perversas precisam se lembrar de que no topo da lista das coisas que Deus odeia está "o que semeia contendas entre irmãos" (Provérbios 6:16, 19)⁶.

Se a questão envolve um princípio doutrinário, precisamos seguir o exemplo de Paulo e "nem ainda por uma hora nos submeter, para que a verdade do evangelho permaneça" (Gálatas 2:5). Por outro lado, se o conflito diz respeito a ressentimentos ou questões de opinião, "assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros" (Romanos 14:19). Estejamos prontos a esquecer nossos egos feridos e preparados a nos submeter à sabedoria de outros. A paz e a harmonia da igreja pela qual

Cristo morreu (Atos 20:28) é infinitamente mais importante do que nossos sentimentos e opiniões.

É CERTO PROCURAR AJUDA? (15:2)

Quando surgiu uma controvérsia na igreja de Antioquia, "resolveram que Paulo e Barnabé e alguns outros dentre eles subissem a Jerusalém, aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão" (v. 2). Estou ciente de que essa era uma situação especial que envolvia um princípio bíblico e homens inspirados (os apóstolos). Para os irmãos de Antioquia, conferir a opinião dos apóstolos em Jerusalém equivalia basicamente ao nosso ato de verificar uma questão no Novo Testamento. Todavia, não penso que seja um exagero extrair do texto um princípio geral: embora cada congregação seja autônoma (que governa a si mesma⁷), permite-se, e às vezes é a prática dos líderes de uma congregação, chamar ajuda de fora para resolver determinada questão.

Geralmente, isso é feito de maneira indireta, quando os envolvidos no conflito buscam conselhos de homens piedosos, cujo julgamento respeitam. Lembro-me de uma ocasião na Austrália quando meu irmão, Coy, e eu derramamos nossos corações a um irmão que nos visitava e pedimos sua opinião sobre o que faríamos. Uma vez ou outra, porém, há que se buscar ajuda direta. Tenho visto reuniões congregacionais, nas quais pediu-se a irmãos respeitados na região que ajudassem a mediar visões opostas. Esses irmãos de fora não tiveram oportunidade de tomar decisões pelas congregações envolvidas, mas puderam ver as situações mais claramente do que os envolvidos nas controvérsias⁸.

Não posso dizer quando se deve procurar ajuda externa e quando não se deve. Só estou enfatizando que se você fez o possível para resolver uma questão congregacional e ela permanece sem solução, não seja demasiadamente orgulhoso deixando de pedir ajuda a outros.

Este é um momento adequado para enfatizar que os acontecimentos de Atos 15 *não* justificam o estabelecimento de *organizações extra-eclésiásticas* para resolver questões concernentes a igrejas.

⁵Veja a lição "Mais Dicas sobre como Lidar com Controvérsias". ⁶Geralmente dizemos que "Deus odeia o pecado, mas não o pecador". Neste caso, o texto diz que Deus odeia o indivíduo que "semeia contendas entre irmãos". Ser um amotinador espiritual é um pecado gravíssimo. ⁷Veja as notas a Atos 20:28 na lição "Um Sermão para Pregadores, Presbíteros e Outros Pecadores". ⁸Aqui está outra maneira "direta" de ajuda externa: ocasionalmente, líderes de uma congregação me pedem para pregar uma ou mais vezes sobre uma questão prática ou doutrinária que esteja transtornando a congregação. Feito com uma atitude de humildade e amor, muitas vezes isso pode acalmar as águas turbulentas.

As denominações usam Atos 15 para justificar suas conferências e convenções eclesiásticas. A Igreja Católica chama a reunião em Jerusalém de “o primeiro concílio ecumênico”. Todavia, a situação em Atos 15 não era que muitas congregações tivessem enviado delegações a uma conferência para votarem em questões eclesiásticas. Em vez disso, homens de uma congregação foram a uma outra congregação. Até escritores denominacionais entendem que isso não foi uma conferência ou concílio extra-eclesiástico:

A reunião não foi um “concílio eclesiástico” no sentido denominacional... cada igreja local era autônoma⁹.

O assim chamado Concílio de Jerusalém em nada lembra os Concílios Gerais da Igreja, nem em sua história, nem em sua constituição, nem em seu objetivo. Não foi uma convenção de delegados ordenados, mas uma reunião de toda a Igreja de Jerusalém para receber uma comissão da Igreja de Antioquia¹⁰.

SERÁ QUE SOU MADURO O BASTANTE PARA ENGOLIR MEU ORGULHO? (15:2, 3)

Mencionei a questão do orgulho antes, mas vale a pena repetir esse conselho: seja maduro o bastante para engolir seu orgulho, se necessário. Aqui está uma ilustração perfeita de alguém que estava disposto a fazer exatamente isso. Quando a igreja de Antioquia resolveu mandar homens a Jerusalém para ver o que os líderes de lá pensavam a respeito da questão (v. 2), isso foi como um tapa no rosto de Paulo. Ele estava tão qualificado quanto qualquer apóstolo de Jerusalém para falar do assunto. Mais tarde, Paulo salientou que, quando foi a Jerusalém, ninguém de lá contribuiu para sua compreensão das verdades bíblicas (Gálatas 1:17; 2:6). Por que, então, Paulo concordou em ir a Jerusalém? Em Gálatas 2:2 ele observou que foi “em obediência a uma revelação”. De uma forma ou outra, Deus disse ao apóstolo que por amor à unidade ele precisava ir a Jerusalém como pediram os irmãos

de Antioquia — e Paulo fez isso (Atos 15:3). É preciso ser maduro para fazer isso. Provérbios 16:18 diz que “a soberba precede a ruína”. Muito freqüentemente, a presença do orgulho resulta na ruína de uma congregação. Seja maduro o bastante para engolir seu orgulho.

ESTOU DISPOSTO A FALAR NISSO? (15:3–5)

A resposta clássica de quem se acomoda na “abordagem do afastamento” diante de um conflito é esta: “Não quero falar nisso!” Mas este não foi o caso de Paulo e Barnabé.

Enviados, pois, e até certo ponto acompanhados pela igreja¹¹, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria e, narrando a conversão dos gentios, causaram grande alegria a todos os irmãos¹². Tendo eles chegado a Jerusalém¹³, foram bem recebidos pela igreja, pelos apóstolos e pelos presbíteros¹⁴ e relataram tudo o que Deus fizera com eles (vv. 3, 4).

Evidentemente, foi numa reunião pública que Paulo e Barnabé foram autorizados a falar de seu trabalho — e durante a qual os mestres judaizantes também tiveram a palavra (v. 5).

Paulo e Barnabé usaram cada oportunidade para falar do problema. Se Gálatas 2 fala do mesmo episódio que Atos 15, entre a reunião pública do versículo 5 e a reunião pública dos versículos 6 a 29, Paulo e Barnabé reuniram-se em particular com os líderes da igreja em Jerusalém. Ao discutirem livremente a questão, entraram em acordo (como se espera de irmãos inspirados discutindo questões doutrinárias). Então, “Tiago, Cefas e João... me estenderam, a mim [Paulo] e a Barnabé, a destra de comunhão...” (Gálatas 2:9). Estavam a caminho de restaurar paz à igreja — em grande parte por causa da disposição de Paulo e Barnabé para falar do problema.

Nem todas as questões podem ser resolvidas através de discussão, mas uma coisa é certa:

⁹Warren W. Wiersbe, *The Bible Exposition Commentary* (“Comentário Expositivo da Bíblia”), vol. 1. Wheaton, Ill.: Victor Books, 1989, pp. 461–62. ¹⁰F.W. Farrar, *The Life and Work of St. Paul* (“A Vida e Obra de São Paulo”), vol. 1. London: Cassell, Petter, Galpin & Co., 1879, p. 431, citado em J.W. McGarvey, *New Commentary on Acts of Apostles* (“Novo Comentário de Atos de Apóstolos”), vol. 2. Delight, Ark.: Gospel Light Publishing Co., s.d., p. 70, nota. ¹¹“Enviados e acompanhados pela igreja” indica que esta ofereceu-lhes os suprimentos necessários para a viagem bem como deu-lhes sua bênção. ¹²Os irmãos da Fenícia e Samaria não tinham o preconceito contra cristãos gentios que alguns de Jerusalém tinham. As igrejas dessas regiões eram resultado de esforços evangelísticos de cristãos helenistas (8:5–25; 11:19). ¹³Era uma viagem de uns quatrocentos e oitenta quilômetros, tendo, portanto, levado algum tempo. ¹⁴Observe que a liderança da igreja de Jerusalém continuou a se mobilizar desde o ofício temporário dos apóstolos até os cargos permanentes dos presbíteros. Em Atos 15 os presbíteros estavam envolvidos em cada aspecto do processo para tomar uma decisão (vv. 2, 4, 6, 22, 23).

nenhuma questão pode ser resolvida sem uma disposição de ambos os lados para discutir pontos de vista diferentes. Quando se discorda de um irmão, é preciso ser homem o bastante para sentar-se com ele e discutir suas diferenças cara a cara.

JÁ APRENDI A OUVIR? (15:6, 7)

Uma segunda reunião pública foi marcada para levar a controvérsia a uma conclusão satisfatória: “Então, se reuniram os apóstolos e os presbíteros para examinar a questão” (v. 6). Mais tarde, ficamos sabendo que “toda a igreja” estava presente (v. 22; observe também o v. 12). O versículo 7 diz: “Havendo grande debate, Pedro tomou a palavra e lhes disse...” Não se precipite com às palavras “grande debate”¹⁵. Antes dos discursos formais de Pedro, Paulo, Barnabé e Tiago, aparentemente todos tiveram oportunidade de falar. A harmonia não pode ser alcançada amordaçando-se quem discorda de nós. Permita que cada um expresse o que tem em mente, compreendendo que: “*Cada cabeça, uma sentença*”.

Prestemos atenção nestas palavras de admoestação: quando outros falam, nós ouvimos. O homem mais sábio disse: “Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (Provérbios 18:13). Quando outros estão falando, muitas vezes estamos pensando no que diremos a seguir, em vez de ouvir. Aprenda a ouvir, realmente escute. Ouça não somente com os ouvidos, mas também com o coração. Os psicólogos dizem que as crianças cospem um alimento porque não gostam do sabor ou, às vezes, para expressar insatisfação. Os adultos não são muito diferentes. Se você ouvir com ouvidos meticulosos, poderá descobrir que o problema real não é “a questão que está sendo discutida”, mas algo mais.

EU ME CONCENTRO NA QUESTÃO E NÃO EM PESSOAS? (15:7–11)

Após cada um expressar-se, Pedro tomou a palavra (v. 7). Como estudamos seu discurso na lição passada, não o repetirei aqui — mas pare

um momento e leia-o na Bíblia (vv. 7–11). Quantas vezes Pedro deu nome aos amotinadores que foram a Antioquia? A resposta é “zero vezes”. Dê uma olhada mais adiante nos discursos de Paulo, Barnabé e Tiago (vv. 12–29). Quantas vezes esses homens citaram os mestres judaizantes pelo nome? A carta à igreja em Antioquia mencionava “alguns... de entre nós... vos têm perturbado” (v. 24), mas nenhum indivíduo foi citado nominalmente. Pedro, Paulo, Barnabé e Tiago se concentraram na questão, não nos indivíduos. Pela minha experiência, dar nome aos bois raramente produz bons¹⁶ resultados e com frequência produz um mal maior. Isso diminui a importância da questão e pode criar fendas tão intransponíveis quanto o abismo de Lucas 16. Aprenda com a Bíblia: trate dos princípios, não das personalidades.

EU ME AFASTO DA BÍBLIA? (15:12–18)

O discurso de Pedro silenciou a multidão. Então, Barnabé¹⁷ e Paulo falaram de sua viagem missionária. Lucas não registrou as palavras deles, pois já havia dado detalhes nos capítulos 13 e 14. Mais uma vez Paulo e Barnabé relataram “quantas coisas fizera Deus com eles”. Dessa vez, porém, enfatizaram “que sinais e prodígios Deus fizera por meio deles” (v. 12; grifo meu). Esses milagres eram prova de que Deus estava com eles (Hebreus 2:4) e, portanto, que seu ministério aos gentios era aprovado por Deus.

Depois de falarem, foi a vez de Tiago — Tiago meio-irmão do Senhor¹⁸. Primeiro Tiago recapitulou o que fora dito: “Irmãos, atentai nas minhas palavras: expôs Simão¹⁹ como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir entre eles um povo para o seu nome” (vv. 13, 14). Essa terminologia provavelmente assustou alguns. Os judeus sempre foram “o povo para o nome de Deus” — em contraste com *os gentios*. Agora Deus estava “tirando dentre os gentios um povo para o Seu nome”! (grifo meu).

Tiago então voltou-se para a Palavra de Deus a fim de mostrar que a conversão de Cornélio e

¹⁵A palavra “debate” é da mesma raiz grega que a palavra “discussão” no v. 2. A retórica estava esquentando; a reunião estava barulhenta! ¹⁶Como escritores inspirados às vezes mencionam oponentes pelo nome (1 Timóteo 1:20; 3 João 9, etc.), não podemos descartar a possibilidade de que há ocasiões para se mencionar mestres falsos pelo nome. Mas, o Espírito Santo disse aos escritores do Novo Testamento a hora certa para fazer isso. Como não sou inspirado, prefiro eliminar os nomes. ¹⁷Lucas enumerou Barnabé primeiro porque, em Jerusalém, Barnabé era mais respeitado. ¹⁸Atos 12:17; 21:18; 1 Coríntios 15:7; Gálatas 1:19; 2:12; Tiago 1:1. ¹⁹Tiago usou o nome hebraico de Pedro. Isto (mais o fato de Tiago não ter mencionado o que Barnabé e Paulo disseram) pode ter sido calculado para apelar aos judeus que lideravam o “partido da circuncisão”.

sua casa foi em cumprimento à profecia. “Conferem com isto as palavras dos profetas” (v. 15a), disse ele, citando Amós 9:11, 12 (vv. 16–18)²⁰. Quando controvérsias surgem na igreja, não podemos nos afastar do Livro dos livros. Mesmo quando a discórdia não é doutrinária, os princípios dados na Bíblia ajudarão a resolver o problema e a garantir que permaneçamos dentro

²⁰Tiago poderia ter citado muitas profecias, como Isaías 2:2–4; 49:6 e Miquéias 4:1–4 — e pode ser que tenha feito isso (pois Lucas registrou uma versão abreviada de cada sermão).

da vontade de Deus.

CONCLUSÃO

No começo desta lição, confessei meu desgosto pessoal por controvérsias. Ao encerrarmos esta lição, deixe-me fazer uma pergunta: Como *você* se sente diante de uma controvérsia? Como *você* *reage* quando irmãos discordam de *você*? *Você* entra em pânico? Fica frustrado? Sente vontade de desistir? Se nada mais puder ser visto nesta e na próxima lição, espero que, pelo menos, vejamos que, com a ajuda de Deus, as controvérsias podem ser administradas — e administradas de maneira a glorificar a Ele. ❖

Autor: *David Roper*

Série: *Atos*

© Copyright 2002, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS